

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.15012020107-119>

## SOBREDETERMINAÇÃO E DUPLICIDADE DOS SIGNOS: DE SAUSSURE A FREUD\* SURDÉTERMINATION ET DUPLICITÉ DES SIGNES: DE SAUSSURE À FREUD

Patrice Maniglier

Tradução de Fábio Roberto Lucas\*\*

**Resumo:** *Psicanálise e literatura podem se medir uma à outra somente como saberes a respeito da linguagem, uma vez que elas trazem igualmente à luz uma dimensão linguageira que é resistente ao saber linguístico. A imagem saussurreana da linguagem, a respeito da qual se começa a medir quanto ela estava distante daquela transmitida por esse texto apócrifo que é o Curso de Linguística Geral, permite-nos compreender por que essa dimensão é essencial àquilo que é a língua: pois os signos linguísticos são essencialmente sobredeterminados.*

**Palavras-chave:** *Lacan. Mallarmé. Sobredeterminação. Valor (teoria do). Anagramas.*

**Résumé:** *Psychanalyse et littérature ne peuvent se mesurer l'une à l'autre que comme savoirs sur le langage, parce qu'elles mettent également en lumière une dimension du langage résistante au savoir linguistique. L'image saussurienne du langage, dont on commence à mesurer combien elle est éloignée de celle que livrait ce texte apocryphe qu'est le Cours de linguistique générale, nous permet de comprendre pourquoi cette dimension est essentielle à ce qu'est la langue: parce que les signes linguistiques sont essentiellement surdéterminés.*

**Mots-clé:** *Lacan. Mallarmé. Surdétermination. Valeur (théorie de la). Anagrammes.*

Recebido em 11/05/2020. Aprovado em 24/05/2020

Há uma maneira muito triste pela qual a transferência da psicanálise à literatura pode ocorrer e efetivamente ocorreu: a de uma técnica de interpretação a uma atividade simbólica; quando alguém se mete a psicanalisar os textos e fatalmente reencontra ali toda a antropologia freudiana. O risco é que, na passagem, a pessoa se desencoraje tanto de uma quanto de outra.

Se não se quer que psicanálise e literatura se reencontrem somente em uma relação entre técnica de interpretação e atividades simbólicas, se, com Lacan, admite-se que à psicanálise não cabe elucidar a literatura, mas à literatura elucidar a psicanálise – pois, como ele dizia, o enigma está do seu lado (LACAN, 2003, p. 17) – então se deve dizer, sem dúvida, que psicanálise e literatura *só se medem* uma a outra, ou seja, só dão a medida uma da outra como *saberes sobre a linguagem*. Saberes sobre a linguagem cuja comum

\* Texto originalmente publicado em MANIGLIER, Patrice. “Surdétermination et duplicité des signes: de Saussure à Freud”. In: *Savoirs et clinique*, nº 6, 2005, pp. 149-160.

\*\* Realiza pós-doutorado em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR), bolsa PNPD-CAPES. E-mail: [fabio.lucas@usp.br](mailto:fabio.lucas@usp.br).

singularidade se reduz a um problema, ou a um desafio: a maneira similar como eles interrogam esse outro saber sobre a linguagem que é a linguística, ou seja, finalmente, a maneira como eles perguntam: de que tipo de saber sobre ela mesma a linguagem nos torna capazes? Psicanálise e literatura não se contentam de ser, para a linguística, exemplos de uso da linguagem, que essa poderia ou deveria elucidar: elas iluminam uma dimensão da linguagem resistente ao saber linguístico. Quero dizer com isso não somente que o que se faz com a linguagem em uma análise ou em uma obra literária não se deixa capturar com “modelos teóricos”, como se sabe (porque, alguns diriam, só há ciência do geral<sup>1</sup>), mas talvez até mesmo que a linguística, por sua vez, não tem literalmente *nada a fazer com isso*. Imagino que é o gênero de experiência que muitos linguistas tiveram de fazer ao ler Freud: “é linguagem, claro, mas bem, isso aí não nos concerne em nada”. Porém, seria lamentável que a imagem que a linguística se faz da linguagem torne incompreensível a existência mesma de tais usos. Se os textos devem efetivamente, como diz Lacan, se medir com a psicanálise, então literatura e psicanálise devem se medir, juntas, com a linguística. Isso se traduziria certamente pela famosa frase, em forma de slogan: “Não existe metalinguagem”. Pois isso significa que é no uso da linguagem que a verdade da linguagem aparece, e não ao tomar uma espécie de posição em elevação sobre a linguagem tratada como um objeto, como se supõe que os linguistas fazem. É no discurso que a verdade do que o faz caminhar deve aparecer e em nenhuma outra parte.

Mas, a partir daí, parecerá ainda mais estranho fazer intervir aqui o nome de Saussure. Não é ele quem separou a linguística das outras abordagens da linguagem, ao lhe dar como objeto a língua, realidade autônoma e copresente em todos os seus usos? Creio poder dizer tranquilamente que o consenso hoje entre os exegetas saussureanos é dizer que essa lição é exatamente o inverso daquilo que Saussure ensinou, para sua infelicidade, em seu próprio trabalho de linguista ou, mais precisamente, de filólogo. Saussure jamais quis separar a linguística para pô-la no abrigo de algum éter teórico. A famosa frase que termina o *Curso de Linguística Geral*, segundo a qual, “a linguística tem por objeto único a linguagem considerada para ela mesma e por ela mesma” é totalmente apócrifa. Saussure se empenha, pelo contrário, em dissolver a linguística, em mostrar que uma disciplina como tal é impossível; ele a considera mesmo como uma dessas ilusões típicas provocadas inevitavelmente por aquilo que chama de “duplicidade da linguagem”. É precisamente essa dissolução que promete a cunhagem da nova palavra “semiologia”. Além disso, encontra-se sob sua pluma esta equação simples: “Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia etc., *sendo o todo inseparável*” (SAUSSURE, 2004, p. 44).

Contudo, por outro lado, é preciso compreender que todo o esforço de Saussure está em mostrar que, se não há metalinguagem, é pelo fato mesmo do que é a língua, ou seja, um sistema de signos, pelo fato de como ela é, mais precisamente, “estruturada”, ou seja, em verdade, como aquilo que suporta um inconsciente. Saussure permite em suma compreender que a língua é o que faz um ser falante ser o sujeito de um inconsciente e

---

<sup>1</sup> Com efeito, existe uma tendência em distinguir as disciplinas hermenêuticas, que buscam a singularidade de um acontecimento de sentido, e as disciplinas gramaticais, que buscam, pelo contrário, as regularidades. Literatura e psicanálise estariam do lado das primeiras, a linguística, do lado das segundas (para mais sobre essa distinção, ver RASTIER, 1987).

ser capaz de literatura. Isso, Lacan o repetirá, é seu ensinamento: “O indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o que chamo de sujeito de um significante” (LACAN, 1985, p. 194, cf. também LACAN, 2003, p. 448-497 e 508-543).

Meu problema é, portanto, duplo. Por um lado: o que é essa dimensão da linguagem resistente ao saber linguístico que psicanálise e literatura nos obrigariam a levar em conta? Por outro: em que a imagem saussureana da linguagem nos permite compreender que essa dimensão é essencial à linguagem, ou seja, que tanto os lapsos, os chistes, os sonhos quanto as obras literárias não são somente usos da linguagem dentre outros usos, mas falas que fazem emergir no discurso a própria verdade da linguagem? A essas duas questões, eu teria apenas uma só resposta: os signos linguísticos são essencialmente sobredeterminados.

### DE UMA DIMENSÃO DA LINGUAGEM RESISTENTE AO SABER LINGUÍSTICO

O que literatura e psicanálise nos obrigam a levar em conta da linguagem? Duas coisas essencialmente. De início, que não se fala porque se teria qualquer coisa a dizer, no sentido de uma significação a comunicar, mas porque se está a fazer advir uma fala. Além disso, que a gente diz sempre mais do que queria dizer, ou, mais brutalmente, que a gente diz sempre mais do que diria. Temos aí duas faces de uma só e mesma nova sobre a linguagem, que se descobre ser, como dirá Deleuze em *Lógica do Sentido*, uma boa nova, pois ela anuncia o seguinte: que o sentido não é a finalidade do discurso, mas seu efeito de superfície – que o sentido não é algo a reencontrar, mas a produzir (1974, p. 74-75).

Para o primeiro ponto – que falar não consiste em outra coisa senão produzir uma fala no sentido teatral do termo – creio, de minha parte, que é uma das grandes lições de Freud, a que faz com que a psicanálise não se confunda com o que está para se tornar um dos maiores flagelos dos tempos modernos, ou seja, a psicologia. Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, se o inconsciente isso fala, não é porque nossos atos e nossas tagarelices, nossas dores históricas e nossos ritos obsessivos teriam um sentido secreto, um sentido profundo escondido atrás do sentido aparente, do qual não se desejaria saber nada, mas que se poderia descriptografar e mesmo do qual seria preciso tomar consciência para melhor se desembaraçar dele. O recalque é sim o próprio mecanismo do discurso, mas o que é recalcado não é uma significação, é enquanto tal um signo, que é substituído por outro signo. Desde *A interpretação dos sonhos*, Freud nos diz que o conteúdo latente e o conteúdo manifesto do sonho não estão numa relação de signo à significação, mas de texto a texto, de texto traduzido a texto original, de signo escrito a signo verbal, de hieróglifo a alfabeto, de rébus a provérbio. Trata-se da tradução de uma “língua” em uma outra (FREUD, 2018, l. 40).

Isso me parece essencial em todos os aspectos, e creio que é um dos pontos onde Lacan quis ser literal. E ainda mais essencial porque isso desdobra sobre a própria técnica da cura. A eficácia da cura decorre, com efeito, não de o sujeito se tornar “consciente” do conteúdo daquilo que busca dizer, reapropriando-se a si mesmo, de algum modo, mas de se liberar um “significante” cuja ausência mesma era determinada através da série das

repetições. As formações neuróticas seriam verdadeiros agenciamentos simbólicos, que não tem outra função senão determinar um não dito singular, e esse não dito não seria uma significação, mas um outro signo cuja ausência mesma comanda a organização particular do discurso de um sujeito, ou seja, de sua vida. O gesto de Lacan teria desde então consistido em liberar a psicanálise da “psicologia”, no sentido de um pathos da reflexividade e da compreensão de “si”, deixando espaço a toda uma abordagem tática e estratégica da intervenção terapêutica, para a qual todo o problema seria jogar habilmente com esses agenciamentos para neles reintroduzir o signo incluído por sua exclusão, a fim de lhe deixar produzir seus efeitos de reagenciamento, a interpretação sendo nesse caso apenas um meio, um ardil...

Mas é isso também o que a literatura nos ensina da linguagem. Que a função da literatura seja precisamente nos fazer ouvir o signo contra seus recobrimentos pela significação é, por certo, uma tese sobre a literatura, mas é uma tese que se confunde com o momento no qual a literatura se constitui precisamente como saber sobre a linguagem. Ela é particularmente clara em Mallarmé, especialmente nesse pequeno texto célebre chamado “Crise de versos”. Algumas citações a título de lembrança:

Falar não tem outra inserção na realidade das coisas senão comercialmente: em literatura, o falar contenta-se em fazer uma alusão a ela ou desmembrar sua qualidade que incorporará alguma ideia [...]. Ao contrário de uma função de numerário fácil e representativa, como o trata de início a multidão, o dizer, antes de mais nada, sonho e canto, reencontra no Poeta, por necessidade constitutiva de uma arte consagrada às ficções, sua virtualidade (MALLARMÉ, s/d).

Dito de outro modo, o poema não transmite nada; ele restitui o signo em sua virtualidade, contra suas atualizações no discurso. A literatura corre, de algum modo, a contrapelo do uso da linguagem, pois ela busca precisamente não fazer desaparecer a linguagem em proveito daquilo que essa escolta, mas a fazê-la aparecer por si mesma. Toda a arte, ou seja, todo o esforço, toda a malícia, toda a técnica do artista consiste precisamente em produzir um signo manifestamente opaco, ou seja, resistente à significação. Não porque ele abriria as interpretações ao infinito, como na definição da obra aberta no sentido de Umberto Eco, mas porque o signo mesmo é virtual, infinitamente sobredeterminado.

Passemos agora ao segundo aspecto dessa boa nova que, para mim, psicanálise e literatura trazem para a linguística. Se o primeiro consiste em dizer que os atos de linguagem não reenviam a significações, mas determinam signos, agora, é preciso acrescentar que o signo se define pela lógica singular dessa determinação, que Freud chama de “determinação múltipla” (2018, l. 42-44).

Trata-se aqui de uma efetiva definição do signo: se o sonho tem um sentido, se ele faz signo, é porque ele é sobredeterminado. Sabe-se que o capítulo sobre o trabalho do sonho começa pela noção de condensação: “nunca é possível ter certeza de que um sonho foi completamente interpretado. Mesmo que a solução pareça satisfatória e sem lacunas, resta sempre a possibilidade de que o sonho tenha ainda outro sentido” (FREUD, 2018, l. 40). E mesmo, acrescenta Freud, essa interpretação é rigorosamente interminável. Seria possível dizer que essa infinitude do sentido é o próprio traço do sentido. Todavia, a força

de Freud está em não considerá-lo como uma propriedade do sentido que, por ser sempre o correlato de um ato de interpretação, seria necessariamente infinito (como sustentam, por exemplo, os defensores de uma filosofia hermenêutica, cf. FRANK, 1989), mas de ver nisso antes uma propriedade do signo, do modo mesmo de determinação dessa fala inconsciente que ele chama “umbigo do sonho”:

Mesmo no sonho interpretado de forma mais minuciosa, é frequente haver um trecho que tem de permanecer obscuro; é que, durante o trabalho de interpretação, percebemos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e *que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho*. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo de pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio (FREUD, 2018, l. 73).

Se há um excesso do signo sobre toda significação assinalável, não é porque teríamos sempre mais a dizer do que aquilo que dizemos, não é porque, como dirá Merleau-Ponty por exemplo, o sentido é esse excesso mesmo do sujeito que se exprime sobre sua própria expressão, mas porque o dito do sonho é essencialmente sobredeterminado. A sobredeterminação é o próprio mecanismo de *produção* do sentido. Deleuze escrevia: “Não procuramos em Freud um explorador da profundidade humana e do sentido originário, mas o prodigioso descobridor da maquinaria do inconsciente por meio do qual o sentido é produzido, sempre produzido em função do não-senso” (1974, p. 75). Essa é a maquinaria da sobredeterminação. Além disso, a introdução desse conceito é precedida, em *A interpretação dos sonhos*, por esta passagem: “Estamos aqui numa fábrica de pensamentos onde, como na ‘obra-prima do tecelão’,

um só pedal mil fios move, / ... um só piso já mil fios move,  
Nas lançadeiras que vão e vêm, / Voam, indo e vindo, as lançadeiras,  
Urdem-se os fios despercebidos / Em que, invisíveis, fluem tramas ligeiras,  
E a trama infinda vai indo além / Um golpe mil junções promove  
(FREUD, 2018, 1.41; GOETHE, *Fausto*, Parte I, Cena 4)<sup>2</sup>

A relação do texto manifesto com o texto latente não é de codificação no sentido estrito porque ela não faz corresponder a cada elemento do texto um outro elemento do outro, por uma correspondência biunívoca: “o sonho não é uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho”. A cada elemento do sonho corresponde uma multidão de elementos dos pensamentos do sonho: “cada um dos elementos do sonho revelou ter sido ‘sobredeterminado’ - ter sido representado muitas vezes nos pensamentos oníricos”. Ora, ocorre que Freud diz, ademais, que os pensamentos do sonho são justamente as próprias relações dos elementos: “O que é reproduzido pelo aparente ato de pensar no sonho é *o tema dos pensamentos oníricos e*

<sup>2</sup> Nota do tradutor: fornecemos a tradução apresentada no livro bem como a que Jenny Klabin Segall fez para esse trecho em: GOETHE (1981, p. 90).



*não as relações mútuas entre eles*, cuja asserção constitui o ato de pensar” (2018, l. 45). Isso significa que o que é um signo depende de sua relação com outros signos (de sua posição em uma rede simbólica) e, *portanto*, que a sobredeterminação é o modo mesmo de determinação dos signos – que é por causa dela (ou graças a ela) que o signo faz signo, reenviando-se sempre a outros signos. Temos, assim, duas teses, que constituem todo o problema ao mesmo tempo especulativo e técnico da descoberta freudiana: por um lado, o signo (a coisa a dizer) é determinado por sua posição nas redes significantes; por outro lado, ele pertence sempre a diversas redes significantes ao mesmo tempo, redes que não são sobreponíveis, ou seja, a partir das quais não se pode estabelecer uma espécie de forma abstrata na qual seriam conservadas as relações em detrimento dos termos. A sobredeterminação está o mais próximo possível do que a psicanálise faz aparecer dos mecanismos da linguagem.

### DE UM DISCURSO QUE FAZ OUVIR A LÍNGUA

Em que, hoje, a imagem saussureana da linguagem nos permite compreender que essa dimensão é sim um saber sobre a linguagem, no sentido de alguma coisa que não decorre somente de um de seus usos possíveis, mas sim do tipo de lógica que anima todo ato de linguagem? Em que, em suma, ela nos permite compreender que um ser falante é um ser suscetível de ser analisado e de ser literário?...

Saussure evidentemente não conheceu a obra de Freud. Digo que é evidente, mas na verdade é da mesma forma um pouco estranho. Saussure e Freud são contemporâneos exatos. O primeiro era um amigo do psicólogo Théodore Flournoy, que introduziu Freud no mundo genebrino. Muitas coisas poderiam tê-lo atraído na obra de Freud. É um fato, porém, que ele não conheceu nada dela. É verdade que ele morreu muito jovem e que, a partir de 1900, parece ter se debruçado sobre as angustiantes metamorfoses dos signos e do álcool: mais estranho, em contrapartida, é a ignorância na qual Freud permaneceu a respeito de Saussure. Ainda mais por conhecer bem o nome de Saussure, não o do linguista, mas o do psicanalista Raymond, filho do primeiro, que ele mesmo analisou... Sabe-se também que ele conhecia a existência do *Curso de Linguística Geral*, pois ele é explicitamente mencionado (a propósito do lapso) no livro que Raymond pediu que Freud corrigisse e prefaciasse (1922, p. 83). Em todo caso, esse encontro entre Freud e Saussure foi adiado e só se realizou mais tarde, na pessoa de Lacan. Ora, se é preciso procurar retrospectivamente o que preparava mais profundamente esse encontro, é precisamente no que Saussure disse da literatura que se deve ter interesse.

Por certo, da literatura, Saussure falou pouco. Por outro lado, ele escreveu bastante sobre ela. Ou melhor, é sobretudo sobre ela que ele escreveu: dos manuscritos dos quais dispomos, os que concernem a literatura representam a maior quantidade. E se trata precisamente de abordá-la como um *saber sobre a linguagem*. Faço alusão aqui aos famosos manuscritos sobre os anagramas. Esses textos são notórios, em particular, pelo fato de encontrarem eco nos ensinamentos de Lacan. O que talvez não se diz tanto é que essa pesquisa começou a partir de uma hipótese sobre a poesia como *saber sobre a linguagem*. Tratava-se, a princípio, de uma tese sobre a função da poesia para os antigos indo-europeus, tese segundo a qual essa poesia não tinha por vocação nem introduzir um pouco de música no discurso nem cantar os louvores de Deus, mas que sua “preocupação” inicial não era nem estética, nem religiosa, mas “fônica” (STAROBINSKI, 1974, p. 26):

O poeta se entregava, e tinha como *métier* comum entregar-se à análise fônica das palavras; que é esta ciência da forma vocal das palavras que constituía provavelmente, desde os mais antigos tempos indo-europeus, a superioridade, a qualidade particular do *kavis* dos Hindus, do *Vātēs* dos latinos etc. (1974, p. 27).

A função da poesia é de fazer ouvir o signo, e mais precisamente essas subunidades “incorporais” que são os “fonemas”. Pois o problema de Saussure é precisamente que o fonema não é sonoro, que a língua que se fala não é feita de sons, mas de puros recortes, de articulações, que não correspondem a esquemas tipos que se poderia localizar, com um método experimental clássico, na substância fônica da linguagem. O verdadeiro problema, que justifica, segundo Saussure, a existência da linguística, não é que as leis formais da linguagem são ignoradas: é que não se sabe como as próprias unidades da linguagem são *percebidas*, nem mesmo o que, exatamente, é percebido na linguagem. Esse problema, ainda hoje, não foi resolvido.

É desse ponto de vista que a poesia é, para Saussure, a primeira linguística. Ele sugere até mesmo que a técnica poética dos anagramas é responsável pelo precoce desenvolvimento da ciência gramatical na Índia antiga:

Não me surpreenderia que a ciência gramatical da Índia, do duplo ponto de vista duplo *fônico* e *morfológico*, não fosse assim uma sequência de tradições indo-europeias relativas aos procedimentos a serem seguidos na poesia para confeccionar um *carmen*, levando em conta *formas* do nome divino (STAROBINSKI, 1974, p. 29).

O que distingue, todavia, essa poesia de todo discurso de saber é que ele não cria uma “metalinguagem” (como já o é o alfabeto fonético) para apreender as articulações não fônicas do discurso. O poeta faz a linguagem jogar contra si mesma para colocar em evidência os valores acústicos no próprio poema. Ele trabalha a “matéria” sonora a fim de que essa revele alguma coisa de sua “forma”. O princípio diretor das pesquisas sobre os anagramas é, desse ponto de vista, tipicamente “simbolista”: o signo analisado deverá ser manifestado em sua própria expressão fonadora, mas só poderá sê-lo sob o modo da *evocação*. O termo “hipograma”, privilegiado por Saussure, decorre justamente do que ele significa em grego, “*fazer alusão*” (STAROBINSKI, 1974, p. 23-24). O que é sugerido, precisamente, não é fônico, e não poderia se tornar o objeto de uma percepção atual. Ele está, como queria Mallarmé, nos *brancos* do discurso, naquilo que não se ouve, no que *resta* do consumo propriamente fônico do poema. Ademais, é por essa razão que Saussure não o chama de *foné*, mas de *grama*. Enquanto a anafonia destaca os “fonemas” repetindo-os pelo jogo da harmonia fônica (a relação do poema com o tema sendo de *imitação* fônica), o anagrama propriamente dito utiliza essa repetição para deixar um *resto* que é a *cifra* do anagrama.

Para compreendê-lo, releiamos a técnica do anagrama, como Saussure acredita reconstruí-la em seus cadernos (STAROBINSKI, 1974, p. 16-23). A atualização do “tema” no texto se faz em ao menos dois tempos: o primeiro trata o tema como matéria fônica, o segundo o libera como resíduo e letra. Tudo se passa, de início, como se a matéria fônica do tema, *herculei*, por exemplo, fosse “analisada” em suas diferentes unidades ou subunidades, e como se o poema fosse ser composto com os entulhos dessa

matéria fônica multiplicada e desmembrada (*membra disjecta...*). Desse ponto de vista, trata-se de uma espécie de assonância ou aliteração generalizada (“harmonia fônica”). A matéria sonora do “tema” é o material que serve para construir o poema. Contudo, uma regra especial permite em seguida distinguir os fonemas “consumidos” dos fonemas restantes. Os primeiros são “compensados” pela lei da repetição par, e o ímpar funciona como “resíduo desejado, destinado a reproduzir as consoantes do tema inicial”. Esses fonemas deixados “livres, ou seja, em número ímpar no total”, constituem as letras do tema. Os fonemas compensados estão “ligados”, enquanto os outros estão como que relaxados, *flutuantes*, *assombrando* o discurso graças ao jogo de criação de uma espera e de frustração dessa espera. O poema, ao se fechar sobre sua própria matéria sonora, deixa uma ilegalidade que não é outra que seu “tema”, ou seja, seu “assunto”, aquilo de que trata, e isso se levanta, intratável, não consumido, inteiro após essa festa dispendiosa de sonoridades incandescentes que foi o poema. Aquilo de que se fala morre e renasce no poema que dele fala, como se o dito servisse apenas para fazer surgir o símbolo ou o signo puro daquilo de que é preciso falar, em sua irredutibilidade, em sua insistência – Palavra pura, Cifra, Fórmula, Nome, Inscrição, Memória.

A arte anagramática consiste toda em deixar um traço, abandonar o destinatário do anagrama com uma impressão ao mesmo tempo vaga e obsedante, que é a experiência do nome restituído em seu estado de signo não atualizado, que se entrega, portanto, somente nessa divinação, nessa suspeição, nessa presença duvidosa, porém insistente. O poema anagramático dá a *experiência do signo*. Essa experiência decorre tipicamente da *sugestão*, ou seja, de uma relação *inconsciente* ou, como Saussure diria mais provavelmente, junto a seus contemporâneos, “subconsciente”, ou mesmo “subliminar”, com seu “objeto”. Ou melhor: é a própria natureza do objeto que define essa relação “subliminar”: enquanto tal, ele só poderia ser apreendido como evocado. O próprio Saussure descreve esse *efeito* que o anagrama supostamente tem, apresentando-se como uma vítima:

Tendo, diversas vezes, procurado o que me chamava a atenção como significativo nessas sílabas, não o encontrei inicialmente porque estava unicamente atento a Priamidês, e de repente [après coup] compreendi que era a solicitação de Heitor que meu ouvido recebia inconscientemente, solicitação que criava este sentimento de ‘alguma coisa’ que tinha relação com os nomes evocados nos verso (1974, p. 40).

Starobinski diz com muita justiça: “a palavra-tema não tendo jamais sido objeto de uma exposição, o que se coloca não é o problema de reconhecê-la: é preciso adivinhá-la, numa leitura atenta aos possíveis laços de fonemas espaçados” (STAROBINSKI, 1974, p. 34).

Ora, essa segunda existência é bem a mesma das entidades de línguas, ou seja, dessas entidades puramente virtuais que não são atualizadas no fio de um discurso, mas estão presentes num quadro sincrônico, no lugar que é o delas no entrecruzamento das diferentes séries associativas que constituem a língua. Pode-se dizer que o poeta anagramático dispõe na linearidade do discurso os paradigmas que o linguista Ferdinand



de Saussure representa em colunas<sup>3</sup>. Sua análise não é somente “fônico-poética”, mas também “gramático-poética”. Assim, o poema nomeia o Deus declinando todas as possibilidades de existência sêmica do Deus, dando “atenção às variedades do nome”, ou seja, às declinações. Vê-se que, na recitação ou celebração anagramática, não se trata de imitar o nome de Deus, mas sim de analisá-lo. Passa-se de um nome a um caso qualquer, a um signo virtual rodeado de todos os seus paradigmas e que não tem outra existência do que aquela evocada em fissura pela irrupção deles. *Discurso que faz ouvir o signo*, fala que torna presente a língua, assim é a poesia... Não é assim também que deveria ser, segundo Lacan, a cura psicanalítica?

## DUPLICIDADE DOS SIGNOS

Mas isso não nos diz ainda por que o signo só pode ser produzido ou revelado em um discurso e não em um metadiscurso, e qual privilégio teria, desse ponto de vista, a literatura ou também igualmente a psicanálise. Para compreendê-lo, é preciso voltar ao ponto central de todo o pensamento de Saussure, ao seu verdadeiro umbigo consigo, que é a teoria do valor. Então se verá que isso se dá porque o signo é *essencialmente* sobredeterminado.

Foi dito agora há pouco que a sobredeterminação é, em suma, o equívoco. Mas – é a menor das questões – há um equívoco sobre esse termo equívoco. Pois, geral, ele dá a entender isto: que um mesmo signo corresponde a diversas significações, ou que uma mesma significação corresponde a diversos signos. Homonímia, portanto, e sinonímia. Mas vê-se facilmente que essa maneira de formular as coisas é insatisfatória, pois ela ainda define o signo pela maneira como ele é ordenado para a significação. Com efeito, a partir de Freud, já se diz outra coisa: que o signo pertence necessariamente a diversas redes de signos. O que seria preciso compreender, portanto, é por que essa característica é essencial ao signo linguístico, se ela o é. Isso implica diretamente os problemas mais fundamentais da linguística estrutural. Pois frequentemente se pretendeu que o objetivo dela era precisamente ter um método para definir os signos de maneira unívoca, pela posição deles em um sistema de oposições. Ora, com Freud, aparentemente se está bem longe da sábia repartição dos termos em um sistema no qual, em suma, cada coisa está em seu lugar. Cada signo, pelo contrário, parece ter sempre mais de um lugar e fazer da língua um estranho mingau, um entrelaço, um labirinto, constituído de comunicações aberrantes entre redes aparentemente heterogêneas, bem longe daquilo que um “sistema” evoca de *arrumado*. De fato, para compreender o caráter essencial do equívoco e, portanto, do inconsciente, não se pode ficar na simples oposição signo/significação, ou mesmo significante/significado. Não é preciso dizer que um mesmo signo pode ter diversas significações, nem mesmo que um significante pode ter diversos significados, é preciso dizer que a identidade mesma do signo é múltipla, determinada de maneira múltipla, de modo que ela só se explicará à luz de uma ontologia do múltiplo.

---

<sup>3</sup> Cf. os esquemas para *ensinamento*, *desfazer* ou *anma* no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006, p. 145-155).

Para compreender esse ponto, é preciso, por certo, partir da dualidade do signo, mas compreendendo que se trata de uma dualidade interna, de uma dualidade essencial. O signo é um ser duplo, e não uma associação de duas coisas<sup>4</sup>. Com efeito, o que se percebe não é um som ao qual se associaria em seguida uma significação; é de pronto um “pensamento-som” (SAUSSURE, 2006, p. 131). A maneira como se determina esse pensamento constitui todo o objeto da teoria do valor. Resumamo-la grosseiramente. De início, extraem-se, do contínuo da experiência, certas variações fônicas, pelo fato da associação dessas com variações fônicas de outra natureza (por exemplo, visuais). Essas variações só se tornam discriminantes, ou seja, só se constituem como traços distintivos, à medida que elas são correlacionadas umas com as outras. Isso significa que você não tem prontamente em seu cérebro uma maquinaria toda montada de traços distintivos, pois ela se escava em você em função do *meio* cuja consistência se define como: correlações regulares entre variações heterogêneas. Saussure chama esses pacotes de traços distintivos correlacionados de “termos”. Ora, esses termos, diz ele ainda, são redeterminados e é então que eles se tornam “valores”.

Sabe-se que Saussure sustenta que o signo pode ser definido por sua posição em um sistema de signos, que não é preciso definir um signo por sua relação com sua significação, mas por sua relação com outros signos aos quais ele se opõe. A identidade daquilo que eu digo não é senão a maneira pela qual eu reprimo tudo o que eu teria podido dizer. Todavia, não é preciso cair nas armadilhas de uma metafísica que se compraz com a ideia de que o signo é uma entidade “puramente opositiva”. De fato, se um signo pode ser determinado por *oposição* aos outros termos circundantes, isso supõe em boa lógica que esses termos existam eles mesmos. A constituição do signo como valor opositivo é uma operação secundária, que se exerce sobre termos já dados, para *redeterminá-los*:

O fenômeno de *integração* ou de pós-meditação-reflexão é o fenômeno duplo que resume toda a vida ativa da linguagem e pelo qual: 1º os signos existentes evocam MECANICAMENTE, pelo simples fato de sua presença e do estado sempre acidental de suas DIFERENÇAS a cada momento da língua, um número igual não de conceitos mas de *valores opostos para nosso espírito* (tanto gerais quanto particulares, uns chamados, por exemplo, de categorias gramaticais, outros tachados de fatos de sinonímia etc.); essa *oposição de valores*, que é um fato PURAMENTE NEGATIVO, se transforma em fato positivo, porque cada signo, ao evocar uma antítese com o conjunto dos outros signos comparáveis em uma época qualquer, começando pelas categorias gerais e terminando pelas particulares, se vê delimitado, *apesar de nós*, em seu valor próprio. [...] A cada signo existente vem, então, SE INTEGRAR, se pós-elaborar, um valor determinado, que só é determinado pelo conjunto dos signos presentes ou ausentes no mesmo momento (SAUSSURE, 2004, p. 80).

Esse valor pode desde então ser definido unicamente por sua posição em um sistema de valores, fazendo-se total abstração de sua substância, ou seja, das variações diferenciais que ele atualiza. Pode-se zombar da maneira como “soleil” (“sol”) é pronunciado, o que importa é não ser confundido com “sommeil” (“sono”). É nesse sentido que Saussure podia dizer que a língua é uma “álgebra”. Em outras palavras, o sistema dos signos oponíveis é a língua como “forma” no sentido dos estruturalistas.

---

<sup>4</sup> Permito-me aqui fazer uma remissão a meu artigo, “La langue, cosa mentale” (MANIGLIER, 2003), onde mostro também que esse “ser duplo” dos signos os mergulha precisamente na associação no sentido freudiano.

Mas é aí que as coisas se complicam consideravelmente. Pois o problema é que não se pode representar a língua como um sistema homogêneo ou monoplano onde cada signo teria uma posição unívoca porque as relações seriam da mesma *natureza*. Com efeito, justamente porque cada termo é oponível a outro ao mesmo tempo por sua face significante e por sua face significada, existem sempre diversos *sistemas de valores concorrentes*. Ou seja, o mesmo termo é sempre determinado de diversas maneiras simultaneamente, ou ainda, o sistema de valor é ele mesmo pluridimensional. Os signos se opõem do ponto de vista de seus significados diferentemente de como eles se opõem do ponto de vista de seu significante. Isso, diz Saussure, é o “princípio fundamental da semiologia”:

Não há, na língua, nem *signos*, nem *significações*, mas DIFERENÇAS de signos e DIFERENÇAS de significação; as quais 1º só existem, absolutamente, umas através das outras (nos dois sentidos) sendo, portanto, inseparáveis e solidárias; mas 2º *não chegam jamais a se corresponder diretamente* (SAUSSURE, 2004, p. 65; ênfase do artigo).

Um pacote de traços distintivos *acústicos* distinguirá um valor de um conjunto de outros valores, ao passo que o pacote de traços distintivos *semânticos* oporá esse mesmo valor a *outro* conjunto de valores. Se for chamada de “significante” a primeira *ocorrência* do valor, e de “significado” a segunda, então se dirá que *não é pela mesma razão que o significante é o significante desse significado, e que esse significado é o significado desse significante*. Por exemplo, o valor [sommeil] (sono) se aproxima e se distingue, por um lado, do valor [soleil] (sol), mas, por outro lado, [soleil] (sol) se aproxima e se distingue de [lumière] (luz). As entidades “formais”, puramente “opositivas”, pertencem, portanto, sempre a dois sistemas de oposições; eles se relacionam com os *mesmos* termos homogêneos de duas maneiras diferentes (ao menos), como se a forma se desdobrasse (se remultiplicasse).

É o gênio do maior leitor de Saussure, Hjelmslev, que fez dessa dupla determinação da própria *forma* o atributo característico de toda *língua natural*, o que a torna irreduzível a todo sistema formal no sentido lógico ou matemático. Deve-se falar de *forma de conteúdo* e de *forma de expressão*, pois se trata mesmo dos próprios valores que são determinados duas vezes. Em um texto admirável, Hjelmslev exprimiu rigorosamente a diferença entre o *formalismo* e o *estruturalismo*: enquanto o primeiro identifica as línguas naturais com sistemas formais, o segundo mostra a irreduzibilidade entre eles:

A fim de decidir se os jogos ou outros sistemas de quase-signos tais como a álgebra pura são ou não semióticos, é necessário ver se a descrição exhaustiva deles exige ou não que se opere com o reconhecimento de dois planos, ou se o princípio de simplicidade pode ser aplicado de tal modo que um só plano seja suficiente. A condição que exige que se opere reconhecendo dois planos deve ser que, quando se tenta levantar os dois planos, não se possa demonstrar que os dois planos têm a mesma estrutura com uma relação unívoca entre os fúntivos de um plano e os de outro (HJELMSLEV, 1975, p. 117).

Para as linguagens formais, que não são semiologias, “as redes funcionais dos dois planos que se tentará estabelecer serão idênticas” (1975, p. 118); o próprio de uma língua que contém sua própria interpretação é de ser atravessada por formas não sobreponíveis

(1975, p. 115-119). A “estrutura”, no sentido linguístico, é exatamente o inverso de uma estrutura no sentido matemático clássico: ela se caracteriza, ao mesmo tempo, pelo predicado “formal” (ou “algébrico” ou “posicional”) de seus elementos e também pela impossibilidade de extrair uma forma abstrata que poderia se realizar igualmente, como um decalque, sobre diferentes substâncias, em outras palavras, que poderia estabelecer entre os planos (aquilo que os matemáticos chamariam de “as interpretações” da estrutura) uma relação de “homologia”.

Ou melhor, a distinção entre as duas formas só pode ser artificial: “É uma operação científica que distingue signo e significação”, dizia Saussure. Na experiência do sujeito falante, há simplesmente dupla determinação dos valores, é sim o mesmo valor que é determinado duas vezes, em outras palavras, que se produz como duplo, em suma, como essencialmente equívoco. Assim o valor [sommeil] (sono) é determinado tanto por sua oposição a [soleil] (sol) quanto à [veille] (vigília), e logo a [vieille] (velha), e logo a [jeune] (jovem) etc. – ainda que não seja de forma nenhuma por razões de mesma natureza... É certamente por isso que podemos compreender os poemas surrealistas e os jogos de palavras. É por isso também que somos atravessados por essas comunicações aparentemente aberrantes entre campos semânticos que a sã razão deveria distinguir, mas das quais Freud mostra a importância na formação dos sintomas. É por isso que, como dizia Lacan com sua precisão habitual, o “dizer [da análise] provém apenas do fato de que inconsciente, por ser ‘estruturado *como uma* linguagem’, isto é, como a língua que ele habita – está sujeito à equivocidade pela qual cada uma se distingue”. Ao que ele completava com uma tese profundamente saussureana: “Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistir” (Lacan, 2003, p. 492). Ora, a consequência disso é que não se pode *representar* a língua como sistema, pois sua escrita possivelmente imobiliza suas relações. Haverá sempre diversas redes significantes concorrentes ininterruptamente disponíveis. Podem-se imaginar quantas dimensões se quiser, não se poderá figurar o sistema da língua. Nesse sentido, com efeito, não existe metalinguagem. Por outro lado, se a identidade de um valor não é representável, ela é *efetuável*. É o que fazem a literatura bem como a psicanálise: não propor um metadiscurso sobre a linguagem, mas explorar suas virtualidades, efetuar as sobredeterminações locais que definem o signo, fazer brilhar o signo em todo seu essencial equívoco.

Assim, pode-se encontrar na linguística saussureana uma compreensão daquilo que faz da língua uma condição da psicanálise bem como da literatura, e ainda também o que faz dessas últimas saberes sobre a linguagem. É pelo fato da própria natureza da língua, de sua ontologia, para falar filosoficamente, que a verdade da linguagem só se dá no discurso. Mas se psicanálise e literatura não são apenas lembretes piedosos de uma dimensão resistente ao saber da linguagem, mas verdadeiros saberes, é porque é preciso apreendê-las como *dispositivos* que permitem fazer emergir até a superfície da linguagem os próprios procedimentos que a produzem (os mecanismos da sobredeterminação), fazer aparecer no efeito a lógica de sua própria causa. Está ainda aí, acredito, um dos ensinamentos de Lacan: ele propôs através de todo seu percurso uma “fenomenologia” (não no sentido de Husserl, mas no sentido clássico de uma descrição rigorosa) da experiência analítica. O Outro não é um conceito que descreve alguma coisa da linguagem em geral (toda fala seria essencialmente endereçada), mas antes um elemento essencial do dispositivo da análise à medida que esse último permite um saber sobre a linguagem

(a maneira como a fala analítica é endereçada é uma condição quase técnica que faz emergir os procedimentos da linguagem no discurso). É preciso apreender psicanálise e literatura como dispositivos semióticos, no sentido em que Bachelard fala de “fenomenotécnica”. Uma questão se abre a partir de então: o que, na literatura e na psicanálise, lhes permite ser esses dispositivos que fazem emergir no discurso a máquina da linguagem? Eu sugeriria de bom grado duas pistas: para a psicanálise, provavelmente é a transferência; para a literatura, é a condição inversa, ou seja, a ausência (ou a *différance*, como dizia Derrida) do destinatário, que faz emergir, no limiar da página em branco mallarmeana, toda a língua. De todo modo, é certo que uma abordagem inteiramente outra tanto da psicanálise quanto da literatura se abre a partir da identificação desse lugar de encontro entre elas.

O termo dispositivo parecerá talvez a alguns um pouco metafórico. Sem dúvida. Mas não é ainda a isso que a língua nos constrange? Saussure escrevia em seus cadernos que não era possível dispensar metáforas para “entrever... a natureza tão complexa dessa semiologia particular chamada linguagem [...] não em um de seus aspectos, mas nessa irritante duplicidade que faz com que jamais seja alcançada” (2004, p. 186). O importante é ver o que elas permitem fazer.

## REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- DELEUZE, Giles. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz R. Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- FRANK, Manfred. *Qu'est-ce que le néo-structuralisme? De Saussure et Lévi-Strauss à Foucault et Lacan*. Paris: Passages/Cerf, 1989.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018 (ebook).
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Trad. Jenny Klabin Segall. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20 mais, ainda*. Trad. MD Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- MALLARME, Stéphane. “*Crise de verso*”. Trad. Luiz Carreira e Álvaro Faleiros. URL: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7111/mod\\_resource/content/1/crise%20de%20verso.doc](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7111/mod_resource/content/1/crise%20de%20verso.doc). Acesso em 10/03/2019.
- MANIGLIER, Patrice. “*La langue, cosa mentale*”. In: Saussure, Cahiers de L’Herne, 2003.
- RASTIER, François. *Sémantique interprétative*. Paris: PUF, 1987.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Escritos de Linguística Geral*. Trad. Carlos Augusto Leuba Salim e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 44.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAUSSURE, Raymond. *La méthode psychanalytique*. Paris, Payot, 1922.
- STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. Trad. Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.